



COMISSÃO MATEMAS

COMISSÃO MATEMAS DOS INSTITUTOS BRASILEIROS

CADERNOS 0.2

Editorial

A Comissão Matemáticas abre, com este caderno, um tema de investigação que terá como ponto de ancoragem inicial o próximo número de *Clique*, mas que prosseguirá abrindo-se aos diversos e distintos núcleos de pesquisa dos Institutos e propondo-se como vetor para um trabalho comum no sentido do estabelecimento de uma rede de pesquisas ainda por vir.

Acreditamos que a Letra é o conceito próprio para este fim, pois para ela convergem tanto as interrogações do analista praticante quanto boa parte daquelas dos trabalhadores do campo da saúde mental, constituindo, dessa forma,, um tema essencial para nossa discussão sobre os princípios da prática de orientação lacaniana com vistas ao próximo Encontro da EBP e ao primeiro Encontro Americano do Campo Freudiano.

Como situar, numa primeira abordagem, a Letra? Para os homens do laboratório, que transitam pelo orgânico, a Letra está gravada em nossos cérebros. É a hélice de DNA que decide o destino de nosso sofrimento e mesmo de nosso sexo. De posse do mapa genômico deste continente sonham com a carta que desvendasse seus segredos e fizesse a luz reinar. Para os homens dos estudos culturais e do politicamente correto a Letra é mera convenção a ser respeitada, eventualmente redefinida. Eles recusam assim o imponderável de uma determinação inconsciente, fora da esfera do ego e de seus comitês de negociação ética.

Com Freud e Lacan assumimos que a Letra é solidária da bateria significante que dita o prescrito e o proscrito para um sujeito. Sua estrutura é a do bloco mágico e da inscrição psíquica. Eles indicam que a luz, ao reinar, oculta sua fonte, da qual só lidamos com os resíduos - traços mnésicos aquém de qualquer negociação. Este é o campo da Letra que Lacan distingue então, como resíduo, do significante como estrutura, pois ela situa, em nosso campo, o pouco que nos restaria de uma marca indelével do Outro – ponto fora do sentido de onde todo sentido emana.

A novidade dos anos setenta, configurando os Outros escritos a partir de seu texto de abertura, *Lituraterra*, é que Lacan faz passar para um segundo plano o Outro prévio, a máquina simbólica que desde sempre engendra significação. A Letra torna-se então menos inscrição do ferro do significante na carne do falasser e mais aquilo que do significante preexiste ao Outro.

Desdobra-se aí o traçado de um delicado jogo entre a aparência - o semblant - e o gozo, pois Lacan vai propor que usa-se a estrutura para gozar antes de ser determinado, em seu gozo, por ela. Por essa razão vai convocar Joyce e interessar-se pelo Japão, um mundo em que a retórica prima sobre a gramática, em que um sujeito se confunde tanto com as convenções que o situam que, por isso mesmo, cúmulo do paradoxo, goza da estrutura. Nestas condições um falante se apresenta como fora do inconsciente e do Outro, insensível ao enigma e à interpretação, o que situa o interesse dessa leitura com relação aos chamados "novos sintomas".

Nosso ponto de partida será o contraste entre as passagens abaixo:

O que chamamos de amor depende profundamente dos estratagemas naturais da bioquímica viva. Por exemplo, os odores que consideramos sexualmente atraentes no sexo oposto correlacionam-se com o potencial de sistemas imunológicos sadios em nossos descendentes. Num experimento realizado para discernir relações entre a atração sexual e os feromônios, mulheres cheiraram camisetas com que alguns homens tinham dormido durante várias noites. Verificou-se que elas preferiam os cheiros correlacionados com as proteínas de histocompatibilidade que lhes faltavam. Em outras palavras, excitamo-nos com aqueles que têm sistemas imunológicos complementares (MARGULIS, L. e SAGAN, D. De volta ao Éden, p. 145).

Trata-se, na idade adulta, de se fazer homem (...). Um dos correlatos deste "fazer-se homem" é fazer sinal, dar indício à mulher amada de que se é homem. Dessa forma, nos encontramos situados de saída na dimensão da aparência (semblant) (...). Tudo o atesta inclusive as referências usuais aos comportamentos sexuais nos mamíferos superiores (...) que mostram o caráter essencial, na relação sexual, de algo que nada tem a ver com o nível celular, cromossômico ou não, ou com um nível orgânico, mas sim de algo propriamente etológico que é o nível da aparência (...). Com certeza o comportamento sexual humano consiste em uma determinada conservação desta aparência animal. A única coisa que o diferencia dela é o fato da aparência ser veiculada em um discurso e que é somente neste nível do discurso que se chega a algum efeito que não seria da aparência. Isto quer dizer que, em vez da bela cortesia animal, acontece aos homens violentar uma mulher, ou vice-versa. Nos limites do discurso, na medida em que ele se esforça por manter a mesma aparência, de vez em quando, há real. É o que se chama passagem ao ato e não vejo melhor lugar para designar o que isto significa.

Jacques LACAN (27/1/71)

Lacan aborda a sexualidade correlacionando discurso e real a partir da aparência, tendo como resultado a promoção do ato. A visão predominante de nossos dias, destacada pela passagem acima de uma obra de vulgarização científica, tende a vincular biunivocamente camisetas e mulheres, excitação e proteína, comportamentos e genética, ou seja, ligar a aparência à Letra de modo fixo, o que foraclui o ato em si. Quanto a isto, como nós, analistas, podemos tomar a palavra?

Sobre o Continuismo psicofísico: (Márcio Peter de Souza Leite)

Para situar a posição da ciência atual com relação aos fenômenos psíquicos como o amor e a atração sexual, partamos da "neuropsicanálise". Ela decorre da demonstração feita por Edelman, neurofisiologista, prêmio Nobel de imunologia, de que o cérebro se conforma depois do nascimento através da relação mãe-bêbê. Os dados da neurociência que sustentam este fato constituem a teoria da epigênese, que verifica que o cérebro do recém-nascido tem um número de neurônios muito superior ao do adulto. A isto se segue o fenômeno da apoptose celular, que se refere à morte seletiva de grupos de neurônios, determinando o que Edelman chamou de teoria das categorizações, que seria o

estabelecimento de redes neuronais resultantes dos estímulos advindos da relação mãe-bêbê.

Estas observações fariam "link" com a teoria freudiana do desamparo, juntando assim psicanálise e neurociência dentro de um paradigma neurológico, o que estabeleceria a causa da conduta humana como consequência de ativação de circuitos neuronais conformados na primeira infância a partir da relação mãe-bêbê. Neste contexto, a descoberta freudiana da determinação psíquica das conversões histéricas justifica clinicamente o construto teórico de um corpo libidinal, ou corpo erógeno, o que determina a ruptura com a idéia de um continuísmo psicofísico, tendência atual das ciências.

Esta tendência considera o homem determinado pelas suas características biológicas. Daí que a Neurobiologia passou a ser "A" ciência que pretende deter um conhecimento total sobre as causas das condutas humanas. Esta maneira de pensar produziu disciplinas como a sociobiologia, acentuou distúrbios como a sociofobia, universalizou a depressão etc. Esperam-se então da genética as respostas últimas para a causa do sofrimento psíquico, fato que tornaram novamente atuais as idéias de Darwin sobre a determinação hereditária das características de cada um.

A fundamentação lacaniana da constituição do corpo próprio a partir do Outro subverte o lugar do organismo no animal humano, pelo fato dele ser atravessado pela linguagem, inserindo a diferença sexual numa razão fálica. Desde 1956 Lacan se insurge contra a citação, colocada no prefácio ao seu "Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise", retirada dos estatutos do Instituto de Psicanálise de Paris, que diz: "não convém esquecer que a separação entre embriologia, anatomia, fisiologia, psicologia, sociologia e clínica não existe na natureza e que existe apenas uma disciplina a neurobiologia...". Esta crítica à neurobiologia como fundamento da psicanálise, justifica uma posição que nega o continuísmo psicofísico acima, fundado num monismo fiscalista.

A descoberta da psicanálise partiu justamente da ruptura produzida por Freud com a tendência a entender somente desde o ponto de vista evolucionista as "manifestações do espírito". Freud produziu esta ruptura ao encontrar uma outra ordem de causação para os sintomas histéricos, ordem esta diferente da biológica, que Lacan viria mais tarde nomear com o termo Simbólico. Com a hipótese da etiologia sexual do sintoma histérico, Freud iria produzir outra ruptura com o determinismo biológico, definindo a sexualidade humana como não tendo um objeto sexual predeterminado geneticamente.

Desamparo, o nosso e o do canguru:

(Marcus André Vieira)

Entendo, com Márcio, que a partir de Edelman e de sua teoria das categorizações autoriza-se a Neuropsicanálise com base na idéia de que o estabelecimento de redes neuronais resultantes dos estímulos advindos da relação mãe-bêbê seriam a materialização científica da teoria freudiana do desamparo. Acho, porém, que pouco muda se neste "link" mantém-se a idéia de uma relação mãe-bêbê que fixa algo que não mudará mais depois (é o que parece) e que será apenas compensado com algum tipo de aquisição posterior. Que isso seja situado em uma mítica relação mãe-bêbê ou não o importante é o lugar e função do desamparo na teoria. É só porque o Outro (encarnado pelo falo como significante para a mãe), já preexiste e preconfigura o estágio do espelho (= maturação das bainhas de mielina dependendo da interação com a imagem do outro) é que a maturação se dá. Desta forma o desamparo de um estágio do espelho "neuropsi" não é o desamparo freudiano. O primeiro está mais para o desamparo do canguru. Já a maturação do homem, que não se dá em nenhuma bolsa ou casulo "cultural-familiar" do tipo "relação mãe-bêbê", quando acontece

carrega consigo uma indeterminação de estrutura que faz do ser humano falasser. O falasser só "é" falando "sou" e nunca delineando sua "soul" na neuroimagem.

(Márcio)

Marcus aponta que o importante é a manutenção de uma distinção fundamental na noção de desamparo. De fato é o ponto central, com conseqüências diferentes para os lacanianos e as correntes dominantes na IPA assim como para o cognitivismo, neuropsicanálise e a psiquiatria biológica. Um zoom neste vastíssimo campo seria mais produtivo. Podemos seguir a proposta de um zoom, como o que Marcus faz com o desamparo. Neste sentido, assimilando, grosso modo, dentro de um mesmo paradigma caracterizado por um continuísmo psicofísico (ou seja um monismo fisicalista, como sinônimo de naturalização do homem, decorrente de uma psicologia evolucionista), a psiquiatria biológica e o cognitivismo, acredito que este paradigma (de continuísmo psicofísico) se opõe ao ensino de Lacan que vê o animal humano subvertido (desnaturalizado) pelo fato de ser falante (parlêtre).

A diferença central para nossa questão em pauta está, a meu ver, na noção de inscrição psíquica. Se seguirmos Edelman estamos lendo em Freud que os traços mnêmicos são fixos, são engramas, registros biológicos (circuitos neuronais) portanto imutáveis. O avanço que Edelman teria produzido seria fornecer um alibi aos analistas que justificariam Freud pela neurociências. Estes, a partir de Edelman, consideram que o cérebro se forma depois do nascimento e se conforma na relação mãe-bêbê.

Este é o ponto fraco da neurobiologia (logo de uma psicanálise fundada num monismo psicofísico): a fixidez da inscrição psíquica (ou dos circuitos neuronais) é questionada pelo fato de que a memória não é uma rememoração, mas uma reconstrução.

(Marcela Antelo)

Somente para não deixar passar o zoom que se propõe sobre a "indefensão" do sujeito humano queria trazer ao debate o autor Arnold Gehlen que nos anos 40 se propunha refundar a psicologia e a antropologia a partir da definição de homem como ser que age, o que retoma a importância do ato assinalada acima. Os animais não agem, reagem a estímulos e modificações exteriores. O homem privado de uma sólida base instintual está constrangido a agir para sobreviver e a construir-se um mundo para suprir a falta de um ambiente a ele predisposto.

Diz Gehlen "O homem é organicamente « o ser faltante » (Mangelwesen) (Herder, 1772), (...) ele estará inadaptado à vida em qualquer ambiente natural e por isso deverá criar-se uma segunda natureza, um mundo de substituição, produzido artificialmente e a ele adaptado, que possa cooperar com seu deficiente equipamento orgânico (...). Vive no que se chama a esfera da cultura. Pode-se até dizer que está constrangido biologicamente a dominar a natureza. A técnica então será condição imprescindível da existência". [GEHLEN, A. L'uomo. La sua natura e il suo posto nel mondo, Feltrinelli, Milano, 1983, p.55.]

Essa especificação negativa faz do homem um problema biológico particular, diz Umberto Galimberti na sua imponente obra *Psiché e Techné* [GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techné. L'uomo nell'età della técnica*. Feltrinelli, Milano, 2002.p.1622], que não pode ser simplesmente referido à natureza animal nem ao pressuposto do dualismo reducionista. A série de carências que determinam o homem do ponto de vista morfológico, são definidas no preciso sentido biológico de inadaptação, não especialização, primitivismo, portanto carência de desenvolvimento: eis o sentido negativo. Falta-lhe a proteção natural da intempérie, é privado de órgãos de defesa naturais e também de uma estrutura somática apta para a fuga. A respeito da agudeza dos sentidos, é superado pela maior parte dos animais e na medida em que haja um perigo para sua vida, carece de instintos autênticos precisando

durante a primeira infância de proteção por um tempo incomparavelmente prolongado. Em outras palavras, diz Gehlen "Em condições naturais, originárias, sendo ele terrícola, no meio de animais dotados para a fuga e a predadores muito perigosos, o homem teria sido há tempo eliminado da face da terra". A não especialização instintiva o abre ao mundo (Weltgeoffnet) e não ao ambiente (Um-welt). O homem é aberto ao mundo não porque seja dotado de espírito e sim porque carece de instintos específicos. Gehlen reconhece a Herder o mérito de haver intuído que o homem é um ser biologicamente carente que tem a linguagem como ressarcimento (Schadloshaltung) [Herder, J.H. Saggio sull'origine del linguaggio. Roma. Mazara del Vallo, 1954].

Investigando a clínica do real:

(Márcio)

Temos então a oposição: Traço mnêmico fixo (engrama) versus significante/letra mutável. Com isto entramos no cerne da clínica do Real. Para Lacan a letra pode ser considerada como a versão da inscrição psíquica (vr. relação letra-traço mnêmico, traço Unário, S1, ou ainda a letra como suporte material do significante na "Instância da letra...").

A letra recebe, porém, uma nova formulação em "Lituraterre" que a coloca como consequência do significante e (talvez) mutável, não fixa. As implicações disto na direção do tratamento são óbvias: para a psicanálise que segue a idéia de uma inscrição psíquica fixa resta o destino de ser uma reeducação emocional. Para os lacanianos a possibilidade de um significante novo, artifício, saber-fazer com o sintoma.

O sexo dos geneticistas poderia ser investigado a partir das implicações das diferentes concepções de inscrição psíquica. Se tomarmos este zoom, a pesquisa se reduz ao esclarecimento da oposição:

1. inscrição psíquica como registro biológico (em última análise geneticamente determinado?) = organismo, materialismo, engrama, genética.

versus

2. Inserção psíquica como letra (decorrente do significante) = Real (laciano), "moterealisme", letra, parlêtre.

(Marcus)

A superposição neuropsicanálise, psiquiatria biológica e cognitivismo em um mesmo paradigma, o do "continuismo psicofísico (ou seja um monismo fisicalista como sinônimo de naturalização do homem)" parece quase forçada, mas tantos mais tenderemos a colocar em oposição a Lacan quanto mais ele for original. Então, como a psicanálise é radical e como temos textos do Márcio em que este tema já foi abordado e desenvolvido é possível, ao menos em um primeiro momento, assumir esta oposição, deixando a demonstração e desdobramento dela para um segundo momento por quem se interessar.

Dessa forma, assumiremos que aos engramas e todo tipo de inscrição fixa, opõem-se o bloco mágico e suas inscrições psíquicas, os traços mnêmicos, os *Wahnehmungzeichen* da carta 52, o sistema alfa-beta-delta-gama da carta roubada, toda teorização de Lacan do inconsciente como Outra cena, como máquina simbólica, sem rotas genética ou préedipicamente definitivas.

Resta a letra que parece resguardar, em nosso campo, o pouco que nos ficaria de uma marca indelével (fora do sentido mas engendrando sentido) do Outro. Com justa razão

então, não temos, como Márcio indica, que opor aos naturalistas a teoria do significante, mas sim a da letra (sabendo, é claro, que as duas últimas se articulam).

Com a letra temos um conceito que repercute nos dois campos. Ainda por cima ela nos dá um canteiro de obras bem delimitado com bibliografia precisa e instigante. Lituraterra aparece aqui como texto crucial. A relação escrita e fala retoma toda a discussão entre o sentido, fluido e imaginário, e a letra, simbolicamente real. Esse é o tema do seminário D'un discours..., Seminário essencial para nós em que Lacan constrói suas fórmulas da sexuação.

Realmente já temos aqui um programa de trabalho. Além disso, se concebermos o ciberespaço como o sonho da fim das inscrições fixas, como o espaço puro do significante com a eliminação do real da letra, vemos como essa discussão vai bem mais além do que a discussão entre geneticistas e psicanalistas.

O sexo, o dos geneticistas e o dos nerds:

Este ponto é fundamental. Parece-me que a discussão com os geneticistas hoje apresenta um viés novo. A hipótese de um determinismo genético decisivo se insere no horizonte de uma manipulação técnica eufórica e que, ao menos em tese, se propõe como capaz de modificações de essência. Isso significa que quando os geneticistas retomam a teoria dos engramas cromossomicamente determinados, com maior ou menor papel da interação com o meio, eles estão tratando mais com uma teoria de software que de hardware, já que situam os gens como passíveis de alteração.

Para dar o tom dessa discussão em largo escopo, retomo o raciocínio de Zizek em seu livro: On belief (que contém "No sex, please!"):

- o sonho da internet é o sonho de um mundo sem corpo (só inscrições mutáveis, só software, como se o silício do Hard disk fosse apenas um detalhe menor).

- o sonho de um cérebro totalmente escaneado, totalmente transformado em informação, que poderia assim ser acionado e operado diretamente, sem passar pelo sentido, é um desdobramento do ideal acima.

- acha-se com isso que se prescindiria do cérebro real, uma vez que, ao passá-lo integralmente para o mundo virtual, quando operássemos com um estaríamos operando com o outro.

- a idéia é a de que estaríamos cortando o cordão umbilical que nos prende a nosso corpo real, para finalmente podermos voar livres na aletosfera.

- evidentemente isso não é novo (cf. Hippies com LSD), mas a experiência da internet nos situa em cheio nesse sonho e nos mostra que em vez de nos liberarmos de nosso corpo ganhamos outro, espectral e virtual.

- acontece que esse corpo não aparece como simulacro, ao contrário, ele é mais sexual que o outro (cf. a Internet como lugar do pulsional em nossa cultura).

- Conclusão: não só perdemos nosso corpo imediato e material, como descobrimos que nunca existiu esse corpo como tal, posto que a experiência da realidade de nosso corpo, assim como a própria experiência da realidade, é fartamente imaginária.

- O corpo erógeno, que é o corpo freudiano, menos imaginário e mais real, é assim o corpo na internet.

Durma-se com um barulho desses!

(Marcela)

Aproveito para enviar uma entrevista a Paul Virilio onde se pode ler sua dor frente ao que chama a falta de inscrição da arte contemporânea. Para medir a mesma falta de inscrição no corpo nos recomenda ler Villiers de l'Isle Adam, A Eva Futura, modelo de Maria, a «mulher elétrica» de Metrópolis de Fritz Lang. Diz que o livro antecipa a superação do corpo por ondas corporais, por corpos de emissão e recepção.

Galimberti vai mais longe ainda quando afirma que essa abertura ao mundo se encontra na plasticidade da vida pulsional do homem e na dimensão ética que se apresenta quando declara que o homem não vive senão que conduz sua vida.

Isto sem esquecer as palavras de Lacan sobre a conduta do homem e o mais além do princípio do prazer:

"It is not impossible for a man to sleep with a woman knowing full well that he is to be bumped off on his way out, by the gallows or anything else... it is not impossible that this man coolly accepts such an eventuality on his leaving" [Lacan, Jacques Seminário A ética, Livro 7.]. Nada melhor que a proliferação da técnica surgida da abertura para evidenciar o paradoxo lacaniano de que o gozo é gozável somente quando não se atinge o que se persegue: "You can't always get what you want, but if you try, sometimes, well, you just might find, you get what you need".

A escada do desejo de pernas para o ar ou o nó de pulsões e inibições do seminário XXV (1977-1978). Na leitura que Galimberti faz de Gehlen me ocorreu que por aqui poderia se pensar um vínculo entre a tal plasticidade e o segundo zoom da investigação: o fixo ou o mutável, calando de cheio no versus cujo esclarecimento nossa pesquisa se reduz, segundo Márcio afirma.

Como o continuísmo psicofísico serve de apoio aos nossos críticos como ponto de fragilidade epistemológica da teoria psicanalítica proponho que incluamos no debate a noção de falha epistemo-somática introduzido por Lacan na conferência "Psicanálise e medicina". Essa falha lhe vem desde longe, é chamada por Lacan de "Grande Verwerfung" de Descartes, que rechaçando o corpo fora do pensamento, o condena a reaparecer no real. Um ano depois da falha, « o Outro é o corpo » da lição do 10 de maio de 1967 (XIV) faz o corpo entrar na cena como determinador causal, "um corpo para gozar de si mesmo" introduz a divisão entre saber e soma que devemos ainda desenvolver. [LACAN, Jacques. Psicoanálisis y medicina [16/2/66] en Intervenciones y textos. Buenos Aires: Manantial, 1985]

(Márcio)

Lacan no Seminário Encore (pg. 132, português), afirma: "...É aquela que faz a letra análoga de um germen, germen que devemos, se estamos na linha da fisiologia molecular, separar dos corpos junto aos quais ele veicula vida e morte conjuntamente". Jacques-Alain Miller, no Seminário: "A experiência do real...", comentando Encore, diz: "a função que dou a letra é aquela que faz a letra análoga de um germen "

Como entender esta frase (lida no contexto de Encore, que é posterior a "Lituraterre", que foi um aula do seminário "De um discurso.....". Neste seminário (é uma opinião) Lacan

opera uma viragem na noção de letra. Gostaria de lembrar também que os bastidores da discussão da questão da letra, inclui Derrida, cuja visão da letra (cf. "A cena da escritura em Freud") é a do Bloco Mágico, noção esta de letra a que Lacan se opõe em "Lituraterre". Lacan se oporia também a Freud, produzindo uma nova noção de letra ou de inscrição psíquica?

(Marcus)

Na primeira lição do Seminário XVIII, em que Lacan parece abordar a questão de Márcio. Ele introduz algo essencial que está sempre em primeiro plano quando se trata desta virada na noção de letra, o semblant. De fato, a noção de aparência parece ser aqui essencial: "Trata-se, na idade adulta, de se fazer homem (...). Um dos correlatos deste "fazer-se homem" é fazer sinal, dar indício à mulher amada de que se é homem. Dessa forma, nos encontramos situados de saída na dimensão da aparência (semblant) (...). Tudo o atesta inclusive as referências usuais aos comportamentos sexuais nos mamíferos superiores (...) que mostram o caráter essencial, na relação sexual, de algo que nada tem a ver com o nível celular, cromossômico ou não, ou com um nível orgânico, mas sim de algo propriamente etológico que é o nível da aparência (...). Com certeza o comportamento sexual humano consiste em uma determinada conservação desta aparência animal. A única coisa que o diferencia dela é o fato da aparência ser veiculada em um discurso e que é somente neste nível do discurso que se chega a algum efeito que não seria da aparência. Isto quer dizer que, em vez da bela cortesia animal, acontece aos homens violentar uma mulher, ou vice-versa. Nos limites do discurso, na medida em que ele se esforça por manter a mesma aparência, de vez em quando, há real. É o que se chama passagem ao ato e não vejo melhor lugar para designar o que isto significa."

Como vocês vêem, Lacan redefine uma série de relações e traz novidades que nos solicitam a extrair suas conseqüências. Desta forma nossa conclusão se abre para o trabalho que prossegue.

Bibliografia comentada (work in progress)

Jacques Lacan:

_____ La troisième (1974), *Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2000 (Lacan assimila o DNA e a linguagem).

_____ "Le Séminaire, Livre XXIII (Le Sinthome)", *Ornicar?* n. 6-11, Paris, 1976/77. Lições de 16/3/76 e de 11/5/76 (Lacan retoma a hélice de DNA, tida na época e ainda hoje como a estrutura do real primordial do corpo, para referir-se a ela como a uma grande construção de arquitetura significativa).

_____ "Le Séminaire, Livre XVIII: D'un discours qui ne serait pas du semblant" (inédito), lição de 20/01/71 (Comentário a partir de um livro de Robert J. Stoller, *Sex and Gender*).

_____ "Lituraterra", *Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2000.

_____ "Le Séminaire, Livre XXIV: L'insu que sait de l'une bévue s'aile a mourre" (inédito) ("identificação ao sintoma", "saber fazer com o sintoma" etc).

_____ O Seminário, Livro XX: Mais, ainda..., Rio de Janeiro, JZE, p. 132.

_____ "O Seminário, Livro XIV: A lógica da fantasia" (inédito), lição de 10 de maio de 1967.

_____ "O lugar da psicanálise na medicina", *Opção lacaniana*, vol. 32, dez 2001.

O sexo dos geneticistas:

STOLLER, Robert J. *Masculin ou féminin*. PUF: Paris: 1989

_____ *Recherches sur l'identité sexuelle*. Gallimard: Paris: 1978. Este é a tradução de *Sex*

and Gender, a que se refere Lacan no Seminário XVIII.

_____ Masculinidade feminilidade-apresentações do gênero, Artes Médicas: Porto Alegre: 1993

_____ Observing the erotic imagination. Yale University Press: New Haven London: 1985

WILSON, E. O Sociobiology the new synthesis. Harvard University Press: Cambridge: 1975

(Pretende ser um estudo sistemático das bases biológicas de toda conduta social. Neste aspecto, seria uma extensão mais moderna da etologia, Stoller põe seu pezinho na questão num artigo de 1985, intitulado "Pesquisa psicanalítica sobre a homossexualidade: as regras do jogo", cf. acima 1993)

GOULD, S. Jay. (Defende a tese - evolucionista pós-darwinista - de que a seleção natural não age nos organismos, mas em vários níveis hierárquicos como genes, células, indivíduos, espécies..., opondo-se à Dawkins).

PINKER, S. O instinto da linguagem. Martins Fontes: SP: 2002 (Neste livro, Pinker, expoente da "psicologia evolutiva", tem como tese "a linguagem [...] é claramente uma peça da constituição do nosso cérebro [...] é parte de nossa herança inata, não é algo que os pais ensinam aos filhos...", isto é, a linguagem é um instinto. Instinto, genética, "herança inata", parecem aqui sinônimos).

EDELMAN, Gerald. Biologie de la conscience. Odile Jacob: Paris: 1992 (Nobel de biologia, postula a partir do fato de que o cérebro do recém-nascido tem um número de neurônios muito superior ao do adulto, a que se segue o fenômeno da apoptose celular - morte seletiva de grupos de neurônios - o que chamou de "teoria das categorizações", ou seja, o estabelecimento de redes neuronais resultantes dos estímulos advindos da relação mãe-bebê).

LLIANO, Hugo. Cérebro de hombre, cérebro de mujer, Ed. Grupo Zeta: Barcelona: 1998.

(Defende que a conduta sexual está sustentada num conceito de uma biologia diferente para o masculino e o feminino, assim como fundamenta as características anatômicas cerebrais para o homem, a mulher assim como para os homossexuais).

DAWKINS, R. O gen egoísta. Itatiaia/EDUSP: SP: 1979 (Clássico; Livro fundador do predominante momento científico atual, dominado por um extremado reducionismo genético, produtor do que se chama de "ideologia do determinismo genético" - algo assim como Lombroso ressuscitado).

KATCHADOURIAN, Herant. La sexualidad humana, Fondo de Cultura Económica:

México: 1979 (Aplica as conseqüências da diferença cerebral às características dos gêneros).

LAUUEUR, T. Inventando o sexo, Relume Dumará: Rio de Janeiro: 1992 (Explica a homossexualidade como conseqüência da morfologia cerebral).

TAYLOR, T. A pré-história do sexo. Campus: Rio de Janeiro: 1997 (Perspectiva mais antropológica).

Textos fundamentando a inscrição psíquica como não fixa (subversão da genética):

GREEN, A. Neurobiologia e psicanálise. Corpo-mente, uma fronteira móvel. SP, Casa do Psicólogo, 1995.

SOUSSUMI, Y. A psicanálise hoje é freudiana. SP, Casa do Psicólogo.

Vulgarização:

PEASE, Alan e Bárbara. Porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor. Ed. Sextante: Rio de Janeiro: 2000.

BLUM, Deborah. Sexo na cuca. Ed. Beca: SP: 2000.

FISCHER, Helen. Anatomia do amor, Ed. Eureka: SP: 1995.

MARGULIS, Lynn e SAGAN, Dorion, O que é sexo?, Rio de Janeiro, JZE, 2002 (Lynn Margulis, do Departamento de Biologia da Universidade de Massachussetts e membro da Academia Nacional de Ciências norte-americana, formula a pergunta o que é sexo e constrói uma

resposta biológico-delirante onde a função sexual está irremediavelmente associada à reprodução. Todo o livro é para demonstrar que existem naturalmente dois sexos, sua função é a reprodução e todo o comportamento, sedução, excitação, romance entre parceiros sexuais, visa a complementariedade e continuidade da espécie).

SILVER, Lee M. Além do Éden. Ed. Mercuryo: S.P: 2002 (O autor é professor dos departamentos de biologia molecular, ecologia e biologia evolutiva da Universidade de Princeton, além de participar de seu programa de neurociência. É pesquisador nas áreas de: genética, evolução, reprodução e biologia do desenvolvimento. Em uma linguagem simples e explicativa, o livro traz os resultados das últimas pesquisas e experimentos sobre fertilização in vitro, clonagem, intervenção no DNA, alteração de genes e seleção de embriões, acompanhados de uma justificativa e reflexão ética sobre os efeitos da engenharia genética na "essência" humana. O livro tem um aspecto esclarecedor quanto aos experimentos mas os comentários que acompanham os relatos só abordam superficialmente os propósitos e reflexões éticas).

Sobre o desamparo específico do homem:

GEHLEN, L'uomo. La sua natura e il suo posto nel mundo, Feltrinelli, Milano,1983, p.55.

GALIMBERTI, Umberto. Psiche e Techne. L'uomo nell'età della técnica. Feltrinelli, Milano, 2002.p.162

HERDER, J.H. Saggio sull'origine del linguaggio. Roma. Mazara del Vallo 1954.

Nossas fontes:

CAPURRO, Rafael. ¿Que es la angelética? <http://v.hbi-stuttgart.de/~capurro/>

ZIZEK, S. On belief, Routledge, London, 2002. "No sex, please!".

VIRILIO, Paul e DAVID, Catherine Alles Fertig: se acabó (uma conversación) em Acción Paralela 3 <http://www.accpa.org/numero3/virilio.htm>

SCHNEIERDERMAN, Stuart. Passa um angel, Ed Manatial: Buenos Aires. Mostra a tentativa de se negar a diferença dos sexos através da imagética dos anjos.

ZENONI, Alfredo, Le corps de l'être parlant. De Boeck: Bruxelas:1998.

MOREL, G. Ambiguités sexuelles. Anthropos: Paris:2000.

LEITE, M. P. S. "Psicanálise e neurociências", Psicofarmacologia e psicanálise, Ed. Escuta, SP, 2001

LAURENT, E. "O Tao da psicanálise", revisão ampliada em uma conferência inédita em Buenos Aires.

_____ "La lettre volée et le vol de la lettre", La Cause freudienne, vol. 42, Paris, 1999.

VAPPERREAU, J. "Es uno...o, es dos?", Ed Kline, Buenos Aires, 1997 (uma leitura de "Lituraterre" traduzido como: "que o sujeito tem que aprender a contar os elementos que abarrancam o significado... que é a condição de aprender a contar bem as letras que se pode reformar os nomes próprios..." Pg 45).

JACQUES ALAIN MILLER:

_____ "A experiência do Real na clínica analítica", Seminário inédito, 998-99 (Lições: XVI a XX - Especial atenção para o conceito de "biophoro", Lição XVI – "Lituraterre" comentado neste por Eric Laurent, Lição XVII - Miller cita o livro "A história da noção de gen" e faz uma articulação entre a noção de germen de Weissman, a teoria cromossômica e a dupla hélice de Watson e Crick. O livro seria a demonstração de que a estrutura do DNA vem no lugar do germen de Weissmann. Miller faz ainda uma ponte entre o germen narcísico (Freud) e o gen egoísta (referência a Dawkins e seu livro "O gen egoísta") e também se refere à sociobiologia que estaria esboçada na idéia do germen narcísico de Freud. A partir disto ele faz a correlação: imaginário/real, germen/soma, imaginário/corpo individual, germen/genoma.

_____ O osso de uma análise. Biblioteca-agente: Revista da EBP-Bahia: Salvador: 1998

_____ Elementos de biologia lacaniana. Escola Brasileira de Psicanálise-MG: BH: 1999

Comissão Matemáticas:

São Paulo

Maria Josefina Sota Fuentes

Márcio Peter Leite

Bahia:

Marcela Antelo

Marcelo Veras

Minas Gerais:

Márcia Rosa

Jésus Santiago

Rio De Janeiro:

Ana Lucia Lutterbach-Holck

Marcus André Vieira (coordenador)

* Ilustração de El Lissitzky